

**CONTANDO COM ABIGAIL:**

aproximando a matemática, a literatura e a natureza

**COUNTING ON ABIGAIL:**

bringing mathematics, literature, and nature together

**CONTANDO CON ABIGAIL:**

uniendo las matemáticas, la literatura y la naturaleza

**Cristiane Winkel Elert**

Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas  
ORCID: 0000-0002-5543-8996

**Thaís Philipsen Grützmann**

Universidade Federal de Pelotas  
ORCID: 0000-0001-6015-1546

**RESUMO:**

Este artigo apresenta uma prática pedagógica desenvolvida com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, que integra literatura infantil, contagem matemática e natureza como eixos interligados que proporcionem uma aprendizagem com significado. A atividade teve como ponto de partida a leitura da obra de literatura infantil *Abigail*, de Catherine Rayner, realizada em um ambiente ao ar livre, no pátio da escola, seguida de exploração, coleta, classificação e contagem de elementos naturais. O objetivo foi promover o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático por meio de experiências concretas e sensoriais, articulando linguagem, literatura infantil, ludicidade e vínculo com o meio ambiente. Fundamentado em autores como Coelho (2000), Louv (2018), Larrosa (2015), Ramos (2009) e Smole, Cândido e Stancanelli (1999), o trabalho evidencia o potencial formativo da literatura infantil quando associada à prática intencional e ao contato com a natureza. Os principais resultados revelaram o envolvimento ativo e curioso das crianças, que participaram da proposta com entusiasmo, criatividade e reflexão. Observou-se que, ao relacionar os elementos da natureza com os conceitos matemáticos, as crianças conseguiram realizar comparações, formar agrupamentos e desenvolver noções iniciais de quantidade. Contudo, algumas dificuldades emergiram durante a contagem exata, sobretudo entre os alunos que ainda não dominavam a sequência numérica ou o reconhecimento de numerais, o que evidenciou a importância de propostas que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem. A prática demonstrou que a articulação entre literatura, matemática e natureza potencializa a aprendizagem, amplia o repertório simbólico das crianças e favorece o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático de maneira lúdica, contextualizada e sensível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infantil; Matemática; Natureza; Contagem.

**ABSTRACT**

This article presents a pedagogical practice developed with first-grade elementary school children that integrates children's literature, mathematical counting, and nature as interconnected axes that foster meaningful learning. The activity began with a reading of Catherine Rayner's children's book "Abigail," conducted outdoors in the schoolyard. This was followed by exploration, collection, classification, and counting of natural elements. The objective was to promote the development of logical-mathematical reasoning through concrete and sensory experiences, combining language, children's literature, playfulness, and connection with the environment. Based on

authors such as Coelho (2000), Louv (2018), Larrosa (2015), Ramos (2009), and Smole, Cândido, and Stancanelli (1999), the work highlights the formative potential of children's literature when combined with intentional practice and contact with nature. The main results revealed the active and curious engagement of the children, who participated in the project with enthusiasm, creativity, and reflection. It was observed that, by relating natural elements to mathematical concepts, children were able to make comparisons, form groups, and develop initial notions of quantity. However, some difficulties emerged during exact counting, especially among students who had not yet mastered numerical sequence or numeral recognition, highlighting the importance of proposals that respect different learning rhythms. The practice demonstrated that the connection between literature, mathematics, and nature enhances learning, expands children's symbolic repertoire, and fosters the development of logical-mathematical thinking in a playful, contextualized, and sensitive way.

**KEYWORDS:** Children's literature; Mathematics; Nature; Counting.

## RESUMEN

Este artículo presenta una práctica pedagógica desarrollada con niños de primer grado de primaria que integra la literatura infantil, el conteo matemático y la naturaleza como ejes interconectados que fomentan el aprendizaje significativo. La actividad comenzó con la lectura del libro infantil "Abigail" de Catherine Rayner, realizada al aire libre en el patio de la escuela. A continuación, se realizó la exploración, recolección, clasificación y conteo de elementos naturales. El objetivo fue promover el desarrollo del razonamiento lógico-matemático mediante experiencias concretas y sensoriales, combinando el lenguaje, la literatura infantil, el juego y la conexión con el entorno. Basado en autores como Coelho (2000), Louv (2018), Larrosa (2015), Ramos (2009) y Smole, Cândido y Stancanelli (1999), el trabajo destaca el potencial formativo de la literatura infantil cuando se combina con la práctica intencional y el contacto con la naturaleza. Los principales resultados revelaron la participación activa y curiosa de los niños, quienes participaron en el proyecto con entusiasmo, creatividad y reflexión. Se observó que, al relacionar elementos naturales con conceptos matemáticos, los niños pudieron hacer comparaciones, formar grupos y desarrollar nociones iniciales de cantidad. Sin embargo, surgieron algunas dificultades durante el conteo exacto, especialmente entre los estudiantes que aún no dominaban la secuencia numérica ni el reconocimiento de números, lo que resalta la importancia de propuestas que respeten los diferentes ritmos de aprendizaje. La práctica demostró que la conexión entre la literatura, las matemáticas y la naturaleza potencia el aprendizaje, amplía el repertorio simbólico de los niños y fomenta el desarrollo del pensamiento lógico-matemático de forma lúdica, contextualizada y sensible.

**Palabras clave:** Literatura infantil; Matemáticas; Naturaleza; Conteo.

## 1 INTRODUÇÃO

A infância é um território privilegiado para o encantamento, a imaginação e a descoberta do mundo. Nesse processo, a literatura infantil assume papel central, pois permite à criança mergulhar no simbólico, no estético e no sensível, despertando sua criatividade, capacidade de expressão e pensamento crítico.

No contexto educativo, a literatura infantil pode se articular com outros campos do conhecimento, como a matemática, promovendo uma aprendizagem prazerosa e com significado. "A literatura poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas" (Smole

*et al.*, 2007, p. 2), pois, ao narrar uma história, o professor proporciona momentos de escuta, imaginação, questionamento e, sobretudo, participação ativa da criança no processo de construção do saber.

Apesar disso, a matemática ainda é, muitas vezes, percebida pelas crianças como uma área difícil, abstrata e desinteressante. Boaler (2019, p. 2, *grifo no original*) afirma que “inúmeros alunos *odeiam* matemática, e para muitos ela gera ansiedade e medo”.

É necessário desmistificar essa percepção, tornando a matemática mais acessível, viva e concreta por meio de práticas que envolvam ludicidade, linguagem e experiências diversificadas. Boaler (2019, p. 37) afirma que “falar é fundamental para a aprendizagem da matemática e para dar aos alunos a profundidade de compreensão de que precisam”. Nesse sentido, a articulação entre literatura, natureza e matemática oferece uma possibilidade potente de aprendizagem integral.

Outro aspecto fundamental para o desenvolvimento infantil está na relação com a natureza. Louv (2018) reforça essa ideia ao afirmar que atividades ao ar livre ajudam no desenvolvimento cognitivo, pois desafiam as crianças a observar, quantificar, comparar e criar relações com os elementos naturais. Complementando esse olhar, Larrosa (2015) propõe uma reflexão sensível sobre o papel da experiência no processo de aprendizagem.

Neste artigo, buscamos refletir sobre uma prática pedagógica que entrelaça literatura infantil, natureza e matemática. A partir da leitura da obra *Abigail*, de Catherine Rayner (2013), foi proposta uma atividade de contagem com elementos naturais coletados pelas próprias crianças em um espaço externo à sala de aula. A prática foi realizada com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental com 25 alunos, no mês de abril de 2025, em uma escola de Pelotas, Rio Grande do Sul (RS).

A vivência descrita buscou promover o raciocínio lógico-matemático, estimular o vínculo com a natureza e integrar a sensibilidade literária à construção do conhecimento.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura infantil é encantamento, é uma forma de expressão que permite à criança mergulhar no imaginário, despertando sua sensibilidade, criatividade e capacidade de reflexão, ou seja, “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (Coelho, 2000, p. 27).

A partir de uma obra literária, é possível elaborar estratégias que envolvam atividades nas quais a ludicidade desperte ainda mais o interesse pela aprendizagem. Ao narrar uma história, favorecemos momentos de diversão, expressão e engajamento dos alunos, pois “a contação de histórias atua, nesse sentido, como uma estratégia que pode levar os aprendizes a desenvolverem habilidades e competências matemáticas” (Santos; Campos, 2016, p. 103).

Ramos (2009, p. 7) inicia sua obra com uma provocação importante: “Gostamos daquilo que compreendemos. Será que as crianças, em sua maioria, gostam de matemática?”. A matemática, por muito tempo, tem sido vista pelos alunos como um conteúdo árido, difícil e até desmotivador. No entanto, a utilização da contação de histórias em sala de aula pode contribuir para desmistificar essa percepção, tornando o ensino mais lúdico e prazeroso. Segundo a autora, é fundamental despertar nas crianças o prazer de compreender, aprender e, conseqüentemente, construir e reinventar a Matemática (Ramos, 2009).

A proposta pedagógica apresentada neste artigo encontra respaldo na teoria da aprendizagem significativa, desenvolvida por David Ausubel e amplamente discutida por Moreira e Masini (2001). Segundo os autores, a aprendizagem significativa ocorre quando novas informações se conectam, ou seja, quando um novo conteúdo dialoga com as experiências e estruturas cognitivas que o aluno já possui. Quando a criança reconhece sentido no que está sendo proposto, o aprendizado deixa de ser mecânico e passa a ser compreendido, interiorizado e utilizado em contextos variados.

Para que a aprendizagem aconteça com significado, é fundamental que o professor, enquanto mediador, realize intervenções pedagógicas com intencionalidade. Utilizando uma obra literária como ponto de partida, é possível

criar situações desafiadoras nas quais a criança possa interagir não apenas com o livro, mas também com seus pares e com diferentes materiais e objetos que estimulem a exploração e a construção do conhecimento, pois essas crianças se encontram na transição entre o estágio pré-operatório e o operatório concreto.

Segundo Ramos (2009), nesse momento do desenvolvimento, elas realizam operações mentais por meio da ação direta sobre os objetos, já que seu pensamento ainda não está plenamente estruturado para compreender relações abstratas.

O desenvolvimento infantil acontece a partir das interações que a criança estabelece com os objetos e com o ambiente em que está inserida. Destaca-se, ainda, que a construção e o avanço do pensamento lógico ocorrem por meio das conexões entre ideias, conteúdos e experiências vividas, possibilitando à criança transformar conceitos abstratos em saberes flexíveis e significativos. Assim, elas passam a compreender a matemática de maneira mais concreta e contextualizada.

Segundo Kamii e Housman (2002), é importante estimular a criança a manter-se atenta e a estabelecer diferentes relações entre objetos, acontecimentos e ações do cotidiano bem como incentivá-la a refletir sobre números e quantidades sempre que esses elementos tiverem significado para sua vivência, promovendo situações em que ela possa quantificar de forma lógica, comparar agrupamentos e formar conjuntos utilizando objetos que possam ser manipulados.

É fundamental que a criança desenvolva diferentes formas de raciocínio, pois isso será essencial para que, no futuro, consiga solucionar problemas e entender as relações presentes em sua vida cotidiana. “Quando os alunos têm a oportunidade de fazer suas próprias perguntas e ampliar os problemas em novas direções, eles sabem que a matemática ainda está viva, e não é algo que já foi decidido e só precisa ser memorizado” (Boaler, 2019, p. 20). Para isso, é necessário ter consciência de que o conhecimento se constrói de maneira progressiva, por meio da observação, das experiências compartilhadas, das vivências e do manuseio de objetos concretos e não apenas com base em teorias abstratas e, muitas vezes, descontextualizadas.

A literatura infantil, quando aliada à prática pedagógica e o uso de materiais diversos, torna-se um poderoso instrumento para aproximar a criança de conceitos matemáticos, pois ela atua como aliada, permitindo ao professor introduzir conceitos matemáticos de forma criativa e com significado.

Ao utilizar livros infantis os professores podem provocar pensamentos matemáticos através de questionamentos ao longo da leitura, ao mesmo tempo em que a criança se envolve com a história. Assim, a literatura pode ser usada como um estímulo para ouvir, ler, pensar e escrever sobre matemática. (Smole; Cândido; Stancanelli, 1999, p. 22).

Por meio de diversos livros infantis, o professor pode incentivar o pensamento matemático das crianças ao realizar perguntas durante a leitura e explorar as ilustrações presentes nas páginas. Ao relacionar as imagens com a narrativa e conduzir a leitura de forma interativa, página por página, a literatura passa a ser uma ferramenta eficaz para estimular a escuta atenta, a leitura, o raciocínio e a produção escrita no contexto da matemática.

Este trabalho também tem por objetivo refletir sobre a experiência das crianças com a natureza e, para amparar teoricamente este estudo, buscamos as ideias de Louv (2018), jornalista e pesquisador norte-americano que apresenta em seu livro *A Última Criança na Natureza* um alerta sobre os impactos negativos que o distanciamento das crianças do ambiente natural tem causado em seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo.

O autor argumenta que as crianças de hoje passam a maior parte do tempo em ambientes fechados, entretidas por dispositivos eletrônicos e sob constante supervisão dos adultos. Isso resulta em consequências como aumento de transtornos de atenção, déficit de criatividade e empobrecimento sensorial. Louv (2018) destaca que o medo exagerado dos perigos externos, aliado ao excesso de atividades estruturadas e ao avanço das tecnologias digitais, tem limitado o tempo livre para o brincar espontâneo ao ar livre. Ele mostra que experiências em ambientes naturais favorecem a concentração, reduzem o estresse, fortalecem o sistema imunológico e estimulam a curiosidade, a autonomia e a empatia.

Além de diagnosticar o problema, o autor propõe caminhos possíveis para a reconexão com o mundo natural. Louv (2018) defende uma educação mais

integrada ao meio ambiente. Para ele, a experiência com a natureza, em que as crianças observam, coletam e quantificam, adiciona uma dimensão ainda mais intensa ao aprendizado, pois “as crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade” (Louv, 2018, p. 77). E, complementa que as atividades ao ar livre promovem bem-estar, vínculo com o meio ambiente e desenvolvimento cognitivo.

Para reforçar a dimensão experiencial e refletiva dessa proposta, vale trazer as reflexões de Larrosa (2015, p. 10), o qual afirma que “a experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato... é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar...”. A proposta atravessa o encantamento da literatura, o brincar com objetos e a exploração da natureza, criando “tremores”, momentos que tocam a sensibilidade da criança, instigam a surpresa e provocam a reflexão.

Larrosa (2015, p. 12) também nos lembra que a experiência “é uma categoria livre, não sistemática, não intencional”, isso está presente na livre descoberta proporcionada pelas atividades de contagem de elementos naturais, uma proposta aberta ao inesperado, fundada na curiosidade e no acaso que movimentam o aprendizado.

A seguir, apresentaremos uma prática pedagógica que entrelaçará a literatura, a matemática e a natureza.

### **3 CONTANDO COM ABIGAIL: A ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A aprendizagem da matemática pode ser profundamente enriquecida quando articulada com outras linguagens e experiências concretas. Com base nessa perspectiva, foi desenvolvida uma prática pedagógica a partir do livro *Abigail* da autora Catherine Rayner (2013), que conta a história de uma girafa curiosa que adora contar os elementos da natureza ao seu redor.

Iniciamos nossa prática com a apresentação da obra literária *Abigail*. A história foi contada no bosque da escola, criando uma ambientação natural e sensorial que dialoga diretamente com o enredo, pois entendemos que o

contexto exerce um papel essencial nas práticas de leitura, e é justamente por meio do contexto que a literatura pode ser utilizada como instrumento para o ensino de determinados conteúdos. A leitura destacou como a personagem principal, Abigail, sente prazer em contar coisas que observa na natureza, uma provocação inicial para aproximar as crianças da proposta matemática de maneira lúdica e com significado.

Logo em seguida, a professora dirigiu uma conversa a partir dos seguintes questionamentos: *O que Abigail gosta de contar? Vocês também gostam de contar coisas? O que podemos contar ao nosso redor?* Estes questionamentos despertaram nas crianças a curiosidade e a atenção para o ambiente em que estavam inseridas, o pátio da escola, favorecendo a construção de sentido em torno da atividade. Ao relacionarem a história com suas próprias vivências, os alunos passaram a observar o espaço com um novo olhar, reconhecendo elementos naturais passíveis de serem contados e compreendendo que a matemática também está presente nas pequenas coisas do cotidiano.

Num segundo momento, as crianças foram divididas em cinco grupos. Cada grupo recebeu uma cestinha para ao explorar o bosque da escola, coletar elementos naturais que podiam ser contados (gravetos, pedras, folhas), conforme mostra a Figura 1.

**Figura 1:** Coleta de materiais.



**Fonte:** Organizado pelas pesquisadoras, 2025.

Este momento foi bem explorado pelas crianças, que mesmo tendo familiaridade com o bosque, agora tinham um outro olhar, tinham um objetivo enquanto grupo: coletar elementos. Assim, segundo Louv (2018), atividades ao ar livre que envolvem exploração e interação com elementos naturais são essenciais para o desenvolvimento integral da criança.

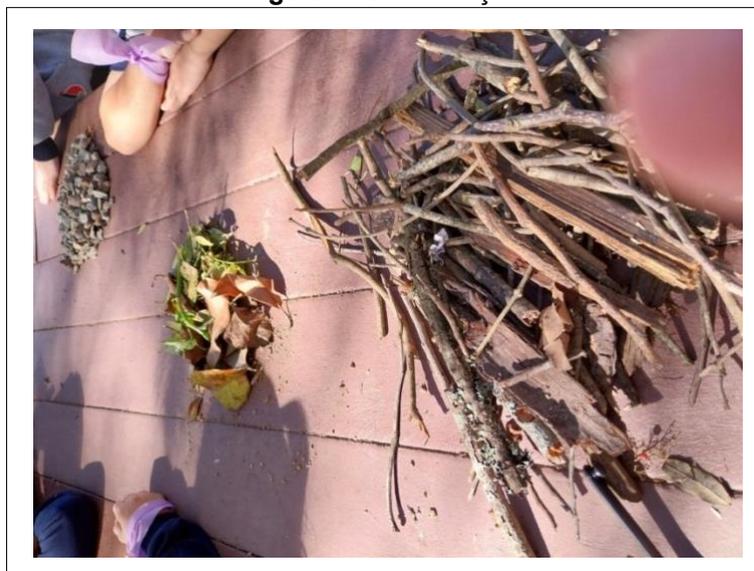
Em seguida, cada grupo levou os elementos coletados até uma mesa, onde foram desafiados a realizar a classificação, que de acordo com Lorenzato (2006, p. 105), “é preciso escolher ou determinar um critério, e este baseia-se num atributo comum aos elementos que serão classificados”.

A professora acompanhava os grupos e os orientava por meio do seguinte questionamento: “*Como podemos separar os elementos que vocês coletaram?*”. Dessa forma, as crianças observaram e concluíram que o melhor seria formar um grupo de folhas, um grupo de pedrinhas e um grupo de gravetos. E assim o fizeram.

Conforme os grupos realizavam a classificação, a professora promovia o raciocínio lógico-matemático por meio da comparação entre os conjuntos formados, questionando: “*Qual tem mais? Qual tem menos? Como vocês sabem disso?*”.

A Figura 2 mostra o grupo A com a classificação realizada e a seguir o diálogo estabelecido com a professora.

**Figura 2:** Classificação.



**Fonte:** Organizado pelas pesquisadoras, 2025.

Professora: *Qual desses grupinhos tem mais?*

Grupo A: *Graveto e pedra.*

Professora: *Entre graveto e pedra, qual tem mais?*

Grupo A: *Graveto.*

Professora: *Como vocês sabem disso?*

Grupo A: *Porque o montinho tá maior.*

Professora: *Qual tem menos?*

Grupo A: *Folha, porque tá menor.*

O diálogo registrado durante a prática pedagógica evidencia a construção do pensamento lógico-matemático por meio de experiências concretas e com significado, nas quais as crianças se engajam ativamente ao comparar

quantidades de elementos naturais, pois “toda classificação exige uma prévia comparação” (Lorenzato, 2006, p. 105). A intervenção da professora, pautada por questionamentos simples e diretos, promove a reflexão e a argumentação por parte dos alunos, ainda que em estágios iniciais de formalização do raciocínio.

A resposta do grupo: *“Porque o montinho tá maior”* revela que, nesse momento do desenvolvimento, o critério de comparação ainda se apoia em aspectos perceptivos e visuais, como o tamanho físico do agrupamento, e não necessariamente na contagem exata dos elementos. Essa percepção, no entanto, não invalida a resposta das crianças, mas sim mostra uma etapa importante do processo de construção do conceito de quantidade. Podemos dizer que a criança precisa passar por diversas situações de comparação, agrupamento e contagem para interiorizar os princípios do número e da conservação de quantidade.

Logo em seguida, a professora propôs a contagem dos elementos para descobrir se as hipóteses das crianças estavam realmente corretas. Durante essa etapa, algumas crianças conseguiram realizar a contagem de forma adequada, demonstrando familiaridade com os números e com a sequência numérica. No entanto, outras encontraram dificuldades, principalmente devido à grande quantidade de elementos e ao fato de algumas ainda não reconhecerem todos os numerais. Essa diferença evidenciou a importância de propostas que respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem e permitam o desenvolvimento gradual do conceito de número por meio da prática concreta e com significado.

Após a contagem dos elementos, as crianças receberam uma folha em branco para registrar a quantidade coletada. Esse registro foi livre, permitindo que cada criança encontrasse sua própria maneira de representar os elementos, seja por meio de desenhos, símbolos ou números.

Para finalizar, cada grupo recebeu uma folha tamanho A3 para fazer uma criação artística utilizando os elementos coletados, a partir de colagem. Os trabalhos foram apresentados ao grande grupo.

Neste momento, as crianças também foram desafiadas a contar quantos elementos foram utilizados na criação. A Figura 3 mostra algumas criações artísticas elaboradas pelas crianças.

**Figura 3:** Criação artística.



**Fonte:** Organizado pelas pesquisadoras, 2025.

O momento da criação permitiu que as crianças se apropriassem dos materiais de maneira estética e autoral, ressignificando aquilo que antes era apenas parte do ambiente ao seu redor. Ao lidar com folhas, gravetos e pedras, as crianças reorganizam os elementos naturais com intencionalidade estética e criativa, expressando emoções, ideias e narrativas próprias. Esse gesto é profundamente formativo, pois envolve observação, seleção, composição e reflexão.

Sendo assim, a criação artística realizada pelas crianças, a partir dos materiais coletados no ambiente natural, ultrapassa a função decorativa ou

ilustrativa. Ela se configura como uma linguagem expressiva, que permite a elaboração simbólica da experiência vivida durante a prática pedagógica. Assim como a literatura infantil, a arte convida à imaginação, à criação e à sensibilidade.

Ao integrar literatura, matemática e arte, o trabalho promove aquilo que Larrosa (2015) define como experiência, ou seja, aquilo que nos toca, nos atravessa e nos transforma. A criação com elementos naturais se torna, então, mais do que uma atividade manual, ela é registro de uma vivência estética e cognitiva, na qual a matemática é contada, sentida, compartilhada e reinventada pelas próprias crianças.

Após a finalização das produções, os grupos foram convidados a apresentar suas obras ao grande grupo. Durante a socialização, além de compartilharem as ideias por trás de suas composições, as crianças foram desafiadas a contar quantos elementos haviam utilizado em suas criações. Esse momento integrou arte e matemática, fortalecendo o raciocínio lógico a partir de uma experiência lúdica e com significado.

A contagem, nesse contexto, surgiu de forma espontânea e contextualizada, estimulando a oralidade, a atenção e a argumentação dos alunos ao explicarem seus processos e escolhas, de acordo com Lorenzato (2006, p. 28), “é preciso trabalhar o mesmo assunto apresentando-o e rerepresentando-o diversas vezes, mas com variação do contexto”.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática pedagógica descrita neste artigo evidenciou o potencial da literatura infantil como ponto de partida para experiências significativas de aprendizagem matemática, especialmente quando associada ao contato com a natureza. Ao entrelaçar narrativa, contagem e elementos naturais, foi possível promover o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático de forma contextualizada, sensível e lúdica.

A atividade desenvolvida a partir da obra *Abigail* demonstrou que a contação de histórias pode despertar o interesse das crianças pela matemática, desmistificando a ideia de que se trata de um conteúdo difícil. Ao mesmo tempo,

o ambiente natural, que nesse caso era o bosque da escola, ampliou as possibilidades de exploração e contribuiu para o engajamento afetivo e cognitivo dos alunos.

A observação, a coleta, a classificação e a contagem de elementos naturais favoreceram a construção de conceitos matemáticos básicos, como quantidade, comparação, agrupamento e registro. As crianças demonstraram envolvimento, curiosidade e disposição para resolver os desafios propostos, ainda que algumas apresentassem dificuldades em relação à contagem exata ou ao reconhecimento numérico. Tais situações reforçam a importância de práticas que respeitem os diferentes ritmos e modos de aprender, proporcionando experiências concretas e acessíveis a todos.

Além disso, a vivência ofereceu às crianças uma experiência rica do ponto de vista sensorial, emocional e expressivo. Como destacam Louv (2018) e Larrosa (2015), o contato com a natureza e a vivência de situações inesperadas e abertas ao encantamento geram aprendizagens profundas, que tocam a sensibilidade e despertam o pensamento. Nesse sentido, a atividade “Contando com Abigail” pode ser compreendida como um exemplo de prática educativa integradora, que promove o desenvolvimento da criança em sua totalidade.

A proposta vai além de ações mecânicas de leitura e contagem, adotando uma abordagem sensível, que se abre às vivências únicas das crianças. São experiências que surpreendem, ensinam e provocam transformações, tanto no processo de aprendizagem quanto no desenvolvimento integral dos pequenos.

A literatura infantil, por sua vez, atua como dispositivo de mediação simbólica e sensível. Como afirma Coelho (2000), trata-se de uma forma de arte que possibilita à criança experimentar outras formas de ver e sentir o mundo. A leitura do livro *Abigail* não apenas introduz um conteúdo, mas abre uma trilha de sentidos, que se desdobra na atividade de contagem e, posteriormente, na elaboração artística. É essa articulação entre linguagem, corpo, natureza e imaginação que qualifica a prática.

Portanto, reforça-se a necessidade de valorizar propostas pedagógicas que articulem diferentes linguagens, como a matemática, a literatura e a natureza, permitindo que a criança aprenda por meio da experiência, da

imaginação e da ação. O trabalho aqui apresentado, um relato de experiência de sala de aula, demonstra que é possível ensinar matemática com sentido e encantamento, ampliando o olhar da criança sobre o mundo e sobre si mesma.

## REFERÊNCIAS

BOALER, Jo. *O que a matemática tem a ver com isso?* Como professores e pais podem transformar a aprendizagem da matemática e inspirar sucesso. Porto Alegre: Artmed, 2019.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

KAMII, Constance; HOUSMAN, Leslie Baker. *Crianças pequenas reinventam a aritmética: implicações da teoria de Piaget*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LORENZATO, Sergio. *Educação infantil e percepção matemática*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza*. São Paulo: Aquariana, 2018.

MOREIRA, Marco Antonio; MASINI, Elcie Salzano. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Centauro, 2001.

RAMOS, Luzia Faraco. *Conversas sobre números, ações e operações: uma proposta criativa para o ensino da matemática nos primeiros anos*. São Paulo: Ática, 2009.

RAYNER, Catherine. *Abigail*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2013.

SANTOS, Fábio Cardoso; CAMPOS, Ana Maria Antunes. *A contação de histórias: contribuição à neuroeducação*. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco; CÂNDIDO, Patrícia Terezinha; STANCANELLI, Renata. *Matemática e literatura infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1999.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco; ROCHA, Glauce Helena Rodrigues; CÂNDIDO, Patrícia Terezinha; STANCANELLI, Renata. *Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil*. 6. ed. São Paulo, CAEM/USP - Centro de Aperfeiçoamento do Ensino de Matemática, Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, 2007.